



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES CURSO  
DE PSICOLOGIA

O EFEITO DO REFORÇAMENTO DIFERENCIAL E  
QUESTIONAMENTO REFLEXIVO SOBRE O TEMA  
DO COMPORTAMENTO VERBAL

Renato Moraes Medeiros

Brasília, 07 de Julho de 2016

Renato Morais Medeiros

O EFEITO DO REFORÇAMENTO DIFERENCIAL E  
QUESTIONAMENTO REFLEXIVO SOBRE O TEMA DO  
COMPOTAMENTO VERBAL

Monografia apresentada como requisito  
para conclusão do curso de Psicologia  
do UniCEUB – Centro Univesitário de  
Brasília. Professor Orientador: Carlos  
Augusto de Medeiros

Brasília, 07 de Julho de 2016



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES  
CURSO DE PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

---

Prof. Dr. Carlos Augusto de Medeiros  
Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Msc. Renata Souza Vale  
Examinador

---

Prof. Msc. Rodrigo Gomide Baquero  
Examinador

A menção final obtida foi:

---

Brasília, 05 de Julho de 2016

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu professor orientador, Prof. Dr. Carlos Augusto Medeiros por toda a paciência e conhecimento compartilhado sobre a análise do comportamento. Fico feliz em declarar que hoje a análise do comportamento é a abordagem a qual irei me basear para minha vida profissional e você foi o responsável por despertar este interesse. Aprecio sua paciência em explicar aos alunos conceitos básicos da análise do comportamento de forma não punitiva. É uma honra tê-lo como orientador e espero poder ter novas oportunidades de receber seus ensinamentos.

Meus agradecimentos ao Prof. Msc. Rodrigo Baquero pelos ensinamentos sobre a base da análise do comportamento que despertou meu interesse inicial sobre a abordagem. Agradeço também por sua disposição em participar da banca avaliadora deste trabalho.

Meus agradecimentos à Prof.<sup>a</sup> Msc. Renata Vale. Infelizmente não tive a oportunidade de ter aulas com você ao longo de um semestre. Porém tive a honra de receber seus ensinamentos em três oportunidades, duas em aulas que você substituiu e que foram extremamente produtivas, e a terceira por forma de parecer ao projeto de monografia referente a este trabalho.

Agradeço Também a todos os professores que de alguma forma contribuíram para minha formação como profissional da Psicologia.

Agradeço aos meus pais por todo o suporte fornecido para minha graduação.

Agradeço à minha irmã Rachel Morais Medeiros por despertar em mim, ainda antes do início do curso, o interesse pela Psicologia.

Agradeço à minha querida amiga Jéssica de Araújo Morais por ser esta querida amiga que sempre me deu suporte tanto em minha vida acadêmica quanto em questões pessoais.

Por fim gostaria de agradecer a todos os participantes desta pesquisa que ajudaram de forma voluntária, eles foram indispensáveis à conclusão deste trabalho.

## SUMÁRIO

Resumo .....	7
Introdução .....	8
Capítulo 1. Entrevista Clínica.....	8
Capítulo 2. Comportamento Verbal.....	11
Capítulo 3. Regras e Autorregras .....	14
Capítulo 4. Reforçamento Diferencial.....	17
Capítulo 5. Questionamento Reflexivo.....	20
Objetivos.....	22
Metodologia.....	23
Resultados.....	30
Discussão.....	38
Referências Bibliográficas .....	47
Apêndices.....	49

## RESUMO

O presente estudo teve por objetivo investigar o efeito da Escuta Diferencial e do Questionamento Reflexivo sobre a frequência de comportamentos verbais acerca de determinado tema. O estudo justifica-se na importância da avaliação da eficácia do Questionamento Reflexivo e Reforçamento Diferencial sobre o controle da frequência do comportamento verbal. O método constituiu-se em comparar a frequência do comportamento verbal dos entrevistados sobre comportamentos verbais acerca de assuntos preestabelecidos pelo participante. Os resultados apontam valores que confirmam a eficácia do Reforçamento diferencial sob o controle do tema das respostas verbais dos participantes. Os dados obtidos nesta pesquisa não foram conclusivos acerca da eficácia do Questionamento Reflexivo no controle de respostas verbais por problemas metodológicos.

**Palavras Chave:** Comportamento verbal, Reforçamento diferencial, Questionamento Reflexivo, Regras, Autorregras, Psicoterapia Analítico-Comportament

## 1. Entrevista clínica

De acordo com Haydu, Fornazari e Estanislau (2014), o campo clínico analítico comportamental tem como base a linha filosófica do Behaviorismo Radical, proposta por Skinner que pressupõe que o comportamento humano é derivado de três níveis de seleção histórica: A filogenia que representa a evolução da espécie; a ontogenia que representa a história de vida o indivíduo; e a cultura que representa o contexto cultural no qual o indivíduo se apresenta. De acordo com Haydu *et al.* (2014) para os analistas do comportamento o comportamento de um organismo é consequente dos três níveis de seleção históricos citados.

Dentro do contexto clínico o meio de intervenção mais comum dentro da análise do comportamento é por meio da fala entre terapeuta e cliente. Para Catania (1999) a linguagem é um comportamento, definido antes por Skinner (1957/1978) como comportamento verbal.

Haydu *et al.* (2014) diz que a função da entrevista clínica é compreender a interação do organismo (o cliente) com o meio em que este entra em contato. A compreensão desta interação por parte do cliente é o objetivo do contexto clínico e o terapeuta serve como mediador ou facilitador desta relação.

De acordo com Catania (1999) o uso de comportamentos punitivos pode ocasionar a esquiva, fuga e não correspondência verbal. Medeiros (2002) defende o uso de técnicas não punitivas, pois considera que o controle aversivo de comportamentos verbais pode eliciar fugas e esquivas, propondo então uso de técnicas não diretivas que evitem a emissão de regras e estimulem a emissão de autorregras por parte do cliente.

Os comportamentos verbais no contexto clínico podem ou não apresentar correspondência verbal. De acordo com Catania (1999) há uma diferença entre o dizer e o

fazer, onde os comportamentos correspondentes são aqueles nos quais o cliente se comporta da forma que ele relata. Quando o sujeito se comporta de forma distinta do relatado em seu comportamento verbal o relato é não correspondente (Catania, 1999).

Medeiros e Medeiros (2011) apresentam o uso da PCP, Psicoterapia Comportamental Pragmática, originada baseada nos princípios filosóficos do Behaviorismo Radical. Primeiramente os autores definem a PCP como uma técnica menos diretiva comparada às demais utilizadas pelos analistas do comportamento. A PCP considera o terapeuta como um facilitador no processo terapêutico, portanto, utiliza-se de perguntas abertas para auxiliar o cliente nas análises funcionais, evitando assim a formulação de regras por parte do terapeuta e estimulando a formação de autorregras por parte do cliente (Medeiros & Medeiros, 2011). De acordo com os autores o uso do questionamento reflexivo, técnica de entrevista que utiliza-se de perguntas abertas, tende a reduzir comportamentos de fuga e esQUIVA por parte do cliente (Medeiros & Medeiros, 2011).

Medeiros (No prelo) descreve a aplicação da PCP em um caso clínico de um cliente que apresentava fortes dores de cabeça de origem psicossomática. As dores de cabeça tratavam-se da principal queixa do cliente. Durante o processo clínico foi identificado que as dores de cabeça apresentavam reforçadores negativos ao comportamento do cliente.

Medeiros (No prelo) por meio da Psicologia Comportamental Pragmática (PCP) utilizou-se de Reforçamento Diferencial e Questionamento Reflexivo. O autor destaca que o Questionamento Reflexivo tem por função aumentar a frequência do comportamento verbal do cliente por utilizar-se de perguntas que não possibilitam respostas de “sim” ou “não”. As perguntas no questionamento reflexivo sempre estavam sobre o controle discriminativo do comportamento verbal anterior do cliente o que funciona como reforço



ao comportamento de falante do cliente. E por fim o Questionamento Reflexivo levou com êxito o cliente a discriminar a função de suas dores de cabeça além de possibilitar a formulação de autorregras por parte do mesmo (Medeiros, No prelo).

Para Medeiros (No prelo) o uso do Reforçamento Diferencial apresenta-se como ferramenta eficaz no controle de frequência de comportamentos alvo. Ou seja, o terapeuta elaborava mais perguntas acerca de comportamentos verbais que relatassem comportamentos desejáveis, reforçando assim como ouvinte do comportamento verbal do cliente. Por outro lado o relato dos comportamentos indesejados eram seguidos de pouca ou nenhuma pergunta, o que sugere o processo de extinção dos comportamentos indesejados por estes não produzirem reforçadores (Medeiros, No prelo).

O modelo de entrevista utilizado nesta pesquisa será baseado em técnicas de entrevista advindas do contexto clínico da análise do comportamento. As entrevistas procuram verificar os efeitos das técnicas de entrevista sobre o comportamento verbal dos participantes.

## 2. Comportamento Verbal

De acordo com Skinner (1957/1978), os homens são organismos que se comportam perante o mundo o modificando e por sua vez acabam sendo também modificados por conta das consequências de suas ações. Esta interação de troca organismo/ambiente é partilhada não apenas pelos homens, mas por todos os organismos que no meio se encontram.

Para que ocorra o comportamento verbal é necessário que haja um falante e um ouvinte, mesmo que ambos seja a mesma pessoa (Baum, 1994/1999). Baum (1994/1999) define como comunidade verbal os organismos que exercem função de ouvinte e que reforçam o comportamento verbal do falante. Portanto qualquer grupo de organismos que interajam por meio de comportamentos verbais formam uma comunidade verbal.

Antes de falar sobre comportamento verbal é importante se compreender a diferença entre linguagem e comportamento verbal. A linguagem é um sistema de comunicação que possui um caráter de ‘coisa’, ou seja, os homens possuem ou se apropriam de um sistema de linguagem, tornando algo que este organismo pode ou não aprender (Skinner, 1974/2000). Já o comportamento verbal é compreendido assim como qualquer outro comportamento operante que por fim produz consequências (Skinner, 1974/2000).

Para Baum (1994/1999) o comportamento verbal passa por um processo de modelagem ao longo do tempo, e assim como o comportamento operante, o comportamento verbal pode produzir diferentes consequências a depender da comunidade verbal em que se encontra. Portanto um mesmo comportamento verbal pode apresentar variação de frequência e consequências distintas a depender da comunidade verbal em que é emitido.

Segundo Skinner (1957/1978), o comportamento verbal é um comportamento

operante, porém é mais do que só um comportamento operante, pois no comportamento verbal há a necessidade de um organismo que exerça o papel de ouvinte e de falante, já que a função do comportamento verbal é produzir consequências específicas no comportamento da pessoa.

Para Skinner (1957/1978) os comportamentos verbais que descrevem as coisas físicas são chamados de tatos. Os tatos são caracterizados por um comportamento verbal que descreve o mundo em que vivemos e que coloca o ouvinte em contato indireto com o que é descrito no comportamento verbal (Skinner, 1957/1978).

Assim como qualquer outro comportamento operante, o comportamento verbal é reforçado, punido ou extinto por suas consequências. Por exemplo, uma criança com sede que emite o comportamento verbal de dizer “Água!”. Este comportamento de pedir água será reforçado caso alguém lhe dê água, desta forma o comportamento verbal “Água!” produziu consequências reforçadoras ao comportamento da criança. Agora é provável que toda vez que a criança estiver privada de água ela provavelmente irá se comportar dizendo “Água!”, pois no passado tal comportamento verbal foi reforçador (Skinner, 1974/2000).

Utilizando o exemplo anterior de uma criança pedindo água, a criança se comporta como falante e a mãe se comporta como ouvinte. Para Skinner (1957/1978) este comportamento verbal da criança se trata de um mando. O mando envolve todo e qualquer comportamento verbal emitido sob o controle de consequências específicas. No exemplo anterior, o comportamento da criança de dizer “Água!” tem a função de fazer o ouvinte se comportar lhe trazendo água (Skinner, 1957/1978). Este comportamento verbal é classificado como mando por ter a função de produzir uma consequência específica, mesmo que o comportamento não fosse reforçado pela água, isto não desqualificaria o mando, pois sua função ainda seria a mesma.

Para Skinner (1957/1978) comportamentos verbais de mando são mais prováveis

após um período de privação de estímulo, ou seja, a criança do exemplo anterior tenderá a emitir o mando “Água!” quando estiver passando por um período de privação desta. E é pouco provável que ela emita tal mando quando estiver saciada de água.

Skinner (1957/1978) diz que o tacto é utilizado para se compreender comportamentos verbais que colocam o organismo em contato indireto como algo físico. Ainda utilizando o exemplo da criança pedindo água, quando a criança diz “Água!” ela pensa na água e a palavra ‘água’ caracteriza algo físico. A mãe da criança como ouvinte ao ouvir a criança dizer “Água!” provavelmente pensará na água o que a colocaria em contato indireto ao estímulo (Skinner, 1957/1978).

De acordo com Baum (1994/1999) o comportamento do ouvinte é aprendido e refinado ao longo do tempo pela comunidade verbal por meio do reforçamento diferencial. O autor utiliza como exemplo uma criança como ouvinte tendo seus pais como falantes, quando o pai emite o mando “Pegue a bola vermelha!” e a criança em seguida se comporta pegando a bola indicada, seu comportamento de pegar a bola é reforçado com palmas e/ou elogios. Caso a criança pegue a bola incorreta os estímulos reforçadores não seriam produzidos o que leva a criança a refinar seu papel de ouvinte de acordo com os reforços produzidos por seus comportamentos como ouvinte (Baum, 1994/1999).

### 3. Regras e autorregras

De acordo com Baum (1994/1999) regras são estímulos discriminativos verbais. Quando se diz que um comportamento está sobre o controle de uma regra quer dizer que o comportamento da pessoa está sobre o controle de um estímulo verbal no qual ela entrou em contato no passado, tal estímulo descreve as consequências de determinado comportamento (Baum, 1994/1999). Por exemplo, o pai de Lucas diz: “Filho, não coloque a mão no motor do carro quando ele estiver ligado por muito tempo, pois senão você irá se queimar”. Nesta frase o pai de Lucas está emitindo uma regra que descreve consequências específicas, onde se Lucas encostar a mão no motor após este estar ligado por muito tempo, Lucas irá se queimar. Portanto é provável que no futuro Lucas não encoste a mão no motor quando ele estiver quente, pois no passado uma regra que dizia que ele não deve fazer isto foi emitida.

Os comportamentos modelados por regras envolvem exclusivamente comportamentos que estão sobre o controle de um estímulo discriminativo verbal, no exemplo de Lucas tal estímulo é o comando do pai para Lucas não encostar-se ao motor. Caso Lucas no passado tenha se queimado após encostar-se a um motor quente, possivelmente no futuro Lucas não volte a encostar-se ao motor quente, porém desta vez seu comportamento estaria sobre o controle das contingências aversivas de encostar-se ao motor. Portanto Baum (1994/1999) dá ênfase ao cuidado que se deve tomar para não confundir padrões comportamentais com comportamentos modelados por regras. Para estar sobre o controle de uma regra o comportamento operante deve estar seguindo as contingências descritas por um estímulo discriminativo verbal.

Para Skinner (1974/2000) o comportamento governado por regras tende a ser aprendido mais rápido do que o comportamento governado pelo contato com as contingências. Durante o curso da vida o ser humano adquire a linguagem e se torna

ouvinte de milhares de regras, principalmente durante a infância. O seguimento destas regras tendem a ser reforçadas ou pelo contato de reforçadores positivos ou por evitarem consequências aversivas que definem o reforço negativo. Portanto o comportamento de seguir regras tende a aumentar de frequência por produzir consequências reforçadoras. Logo o comportamento de seguir regras tende a ocorrer sempre que uma nova regra seja emitida (Skinner, 1974/2000).

Baum (1994/1999) diz que comportamentos governados por regras estão sobre o controle de consequências reforçadoras pelo seguimento da regra. Ainda usando o exemplo de Lucas, a consequência reforçadora de seguir a regra 'não tocar no motor quente' é não se queimar, portanto o comportamento de tocar no motor quente irá reduzir de frequência para evitar a situação aversiva.

O conceito de regra para a análise do comportamento difere-se do conceito de regra para o senso comum. Para o senso comum a regra possui um caráter normativo, já para a análise do comportamento a regra possui um caráter descritivo, ou seja, a regra é estímulo verbal que descreve as contingências de um determinado comportamento. (Skinner, 1969/1975)

De acordo com Baum (1994/1999) as regras podem ser emitidas diretamente por meio de um falante que determina as consequências de determinado comportamento, ou podem ser emitidas indiretamente por meio de sinais, placas, avisos e etc. Estes meios de comunicação inanimados emitem regras que podem manter o controle do comportamento do ouvinte tal como se a regras fosse emitida por meio da fala.

Skinner (1969/1975) define autorregra como uma regra emitida pela própria pessoa que a segue, ou seja, a pessoa que emite a regra é ao mesmo tempo ouvinte e falante. Este é o processo que o senso comum define como 'pensar'. As autorregras são emitidas quando a pessoa se comporta e entra em contato com as contingências do comportamento

em questão. Quando as consequências de se comportar forem reforçadoras, tanto negativamente quanto positivamente, a pessoa pode emitir uma autorregra onde ela se torna capaz de emitir uma regra que descreve as consequências de se comportar de determinada maneira (Skinner, 1975).

Paracampo e Albuquerque (2005) dizem que autorregras podem ser emitidas em situações de contingências similares às descritas por uma regra de um falante confiável. Por exemplo: O pai de Rafael avisa para ele ter cuidado com os carros ao atravessar a rua senão ele pode ser atropelado. Ao atravessar a rua Rafael tomará cuidado com os carros e provavelmente também tomara cuidado com os ônibus, motos, caminhões, etc. Apesar de nunca ter sido ouvinte da regra “Cuidado com os ônibus ao atravessar a rua, eles podem atropela-lo” Rafael emitiria esta regra que se tornaria uma autorregra já que Rafael é ao mesmo tempo ouvinte e falante. A autorregra emitida por Rafael exemplifica a afirmativa anterior de Paracampo e Albuquerque (2005) onde Rafael emitiu a autorregra por esta apresentar contingências similares a uma regra de um falante confiável.

De maneira resumida as regras são comportamentos verbais de um falante que controlam o comportamento do ouvinte. Já para as autorregras se aplica os mesmo critérios das regras, porém nas autorregras o falante e ouvinte são a mesma pessoa.

#### **4. Reforçamento diferencial**

De acordo com Moreira e Medeiros (2007), o reforçamento diferencial consiste em um procedimento de reforçamento e extinção de comportamentos utilizados simultaneamente. O reforçamento é utilizado para se aumentar a frequência dos comportamentos que se deseja aumentar de frequência. Já a extinção é utilizada para a redução da frequência dos comportamentos indesejáveis por meio da ausência da emissão de reforçadores destes comportamentos. Ou seja, comportamentos não desejáveis que antes eram reforçados deixaram de produzir reforçadores no processo de reforçamento diferencial (Moreira & Medeiros, 2007).

Quando um comportamento produz consequências reforçadoras em algumas situações e, em outras não, diz-se que o comportamento está sobre um esquema de reforçamento intermitente (Skinner 1953/1978). De acordo com Moreira e Medeiros (2007) comportamentos que estão sobre um esquema de reforçamento intermitente produzem maior resistência à extinção.

Catania (1999) diz que o uso de controle aversivo, no caso a punição, é uma alternativa menos efetiva por fazer com que o organismo que teve seu comportamento punido se esquive da situação aversiva. No caso da entrevista clínica, o cliente pode passar a se esquivar do terapeuta quando este terapeuta der respostas punitivas aos comportamentos verbais do cliente.

Catania (1999) relata que o uso de estímulos reforçadores produzem resultados melhores sobre o comportamento verbal por não evocar respostas de fuga e esquiva no entrevistado. Portanto, o reforçamento diferencial apresenta-se como alternativa às práticas punitivas do comportamento verbal, tendo como vantagem evitar as consequências advindas do controle aversivo (Catania, 1999).

Faleiros e Hübner (2007) verificaram a eficácia do reforçamento diferencial sobre o



comportamento de ler de crianças cursando o 2º ano do ensino fundamental. Para tanto, as pesquisadoras utilizaram somente o reforçamento e extinção sobre os comportamentos verbais dos participantes que estivessem relacionados à prática da leitura. O experimento foi aplicado em um contexto escolar em esquema de entrevista, portanto as pesquisadoras reforçavam e colocavam em extinção apenas os comportamentos verbais. Os resultados apontaram um aumento na frequência e no tempo em que as crianças passavam lendo comparados aos obtidos na linha de base. Portanto o reforçamento diferencial apresentou-se eficaz em manter o controle do entrevistador sobre o comportamento de leitura do entrevistado utilizando-se do reforçamento diferencial apenas sobre os comportamentos verbais dos participantes.

Britto, Rodrigues, Santos e Ribeiro (2006) testaram o uso do reforçamento diferencial sobre o comportamento verbal de um esquizofrênico onde o objetivo do estudo consistia em reforçar os comportamentos verbais desejáveis que seriam todas as falas não psicóticas, e colocar em extinção as falas psicóticas. O trabalho terapêutico foi realizado em 30 sessões sendo duas sessões por semana e cada sessão tinha duração aproximada de 45 minutos. A análise de dados foi feita com base na transcrição dos relatos do entrevistado que era feita por uma das pesquisadoras. Os pesquisadores consideraram comportamentos indesejados todos os comportamentos verbais que tinham características psicóticas. As características psicóticas eram identificadas por meio de categorias de comportamentos verbais pré-estabelecidas pelos pesquisadores com base no padrão comportamental do participante. O estudo apresentou uma boa diferença na redução dos comportamentos indesejados e no aumento dos comportamentos desejáveis após o uso do reforçamento diferencial sobre o comportamento verbal do esquizofrênico. Portanto o reforçamento diferencial, quando utilizado como variável independente, exerce controle sobre comportamentos operantes do entrevistado.

De acordo com Medeiros (2002), dentro do contexto clínico o terapeuta tem uma função de audiência reforçadora. Portanto este torna-se um candidato apto para aplicar o reforçamento diferencial.

Neste estudo o entrevistador exercerá o papel de audiência reforçadora utilizando o reforçamento diferencial para aumentar a frequência do comportamento do participante de se comportar verbalmente acerca de um tema que seja de seu interesse e irá colocar em esquema de extinção o comportamento verbal do participante acerca de outro tema que seja de maior interesse. Com isto este pretende verificar a eficácia do reforçamento diferencial e questionamento sobre o controle do comportamento verbal do participante.

## 5. Questionamento Reflexivo

O questionamento reflexivo surge como alternativa de entrevista clínica dentro da psicoterapia analítica pragmática (PCP). De acordo com Medeiros e Medeiros (2012) o questionamento reflexivo é uma eficaz técnica de entrevista para a PCP por ser um meio de entrevista menos diretiva. No questionamento reflexivo o entrevistador se utiliza de perguntas abertas, ou seja, perguntas que incapacitam a resposta de “sim” ou “não”. Estas perguntas abertas possuem a finalidade de levar o cliente à emissão de autorregras (Medeiros & Medeiros, 2012).

No questionamento reflexivo, o terapeuta, além de ser uma audiência reforçadora, ele também deve manter uma audiência não punitiva. De acordo com Medeiros (2002), quando o terapeuta se apresenta como uma audiência punitiva ele pode vir a ser um obstáculo ao tratamento. O cliente que tem seu comportamento verbal punido pode privar o ambiente terapêutico de informações essenciais para o progresso da terapia (Medeiros, 2002).

O terapeuta ao utilizar adequadamente o questionamento reflexivo emitirá o mínimo de regras, atuando sempre como facilitador do processo de análise funcional do cliente (Medeiros & Medeiros, 2012). De acordo com Medeiros e Medeiros (2012) os comportamentos governados por autorregras possuem maior chance de serem seguidos e se manterem.

O questionamento reflexivo tende a ser diretivo no sentido de que pode envolver por parte do entrevistador comportamentos alvo a serem trabalhados. Porém, o papel do entrevistador é de manter as perguntas abertas a cerca do comportamento alvo, evitando as regras e estimulando autorregras (Medeiros & Medeiros, 2012).

Os comportamentos alvos serão aqueles indicados como importantes pelo cliente durante as sessões, mas podem também ser comportamentos relatados porém não

sinalizados como importantes pelo cliente (Medeiros & Medeiros 2012). De acordo com Medeiros & Medeiros (2012), o papel do terapeuta como mediador é, também, identificar os comportamentos alvos não sinalizados.

Medeiros (2002) diz que o treino do cliente para análises funcionais pode gerar uma autonomia do cliente de forma que este possa fazer as próprias análises funcionais, podendo tornar dispensável a presença de um terapeuta em situações futuras.

Nesta pesquisa os comportamentos alvos serão selecionados pelo pesquisador a fim de testar a hipótese de pesquisa. Portanto, o questionamento reflexivo será utilizado sem viés terapêutico e sim como variável independente a fim de verificar os efeitos produzidos na frequência verbal dos participantes.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Verificar os efeitos do Reforçamento Diferencial e questionamento reflexivo sobre a frequência do comportamento verbal

### **Objetivos específicos**

Verificar os efeitos do uso do Reforçamento Diferencial aliado ao questionamento reflexivo em relação à frequência verbal dos participantes.

Contribuir com o campo da clínica comportamental com dados empíricos de pesquisa.

### **Justificativa**

O estudo justifica-se na importância de se compreender os efeitos que as técnicas de entrevista na análise do comportamento possuem sobre o comportamento verbal.

## **Metodologia**

### **Participantes**

A pesquisa foi realizada com a participação de cinco pessoas voluntárias com idade mínima de 18 anos e máxima de 60 anos. Os participantes foram selecionados aleatoriamente sem distinção de gênero. Todos os convidados concordaram com os termos do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), e por fim assinaram para participarem da pesquisa. Os participantes tiveram suas identidades preservadas e eram livres para abandonar a pesquisa a qualquer momento que desejarem.

### **Local**

Os procedimentos foram realizados em uma sala de aula do UniCEUB unidade da Asa Norte. As salas possuem aproximadamente 50m<sup>2</sup> e contêm um quadro branco, aparelho de ar condicionado, aproximadamente 50 carteiras escolares estofadas, iluminação com luz branca a base de lâmpadas fluorescentes, uma janela posicionada ao fundo da sala, um computador equipado com um projetor e um painel branco para a projeção do projetor.

### **Instrumentos**

Foi utilizado um gravador para registro sonoro das entrevistas; TCLE (Termo de consentimento livre e esclarecido); Protocolo para registro das informações coletadas nas entrevistas; Lista com sete assuntos de interesse (Anexo X).

### **Procedimentos**

Por se tratar de uma pesquisa realizada com humanos, esta foi iniciada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e após a concordância dos participantes através

da assinatura do TCLE (Termo de consentimento livre e esclarecido). O TCLE informa o participante acerca de seus direitos e mantém um contrato de sigilo entre participante e pesquisador.

Após a assinatura do TCLE, foi entregue ao participante uma lista contendo sete assuntos de interesse comuns, sendo estes: Religião; Política; Esporte; Saúde; Artes; Culinária e Viagens. Os participantes foram convidados a classificarem em ordem decrescente de interesse estes sete assuntos, começando pelos de maior interesse. Depois de feita a classificação o participante escolheu dois dos assuntos listados para a entrevista. Os três primeiros assuntos eram considerados de “Maior interesse” e os três últimos assuntos foram considerados como de “Menor Interesse”. O entrevistador utilizou os assuntos escolhidos para a entrevista. Os dois assuntos escolhidos foram classificados como de “Menor interesse” e “Maior interesse” de acordo com a ordenação decrescente feita previamente pelo participante.

Quando o comportamento verbal sobre os assuntos de interesse se esgotava durante as fases de pesquisa o pesquisador orientou os participantes a escolherem mais um assunto de “Maior interesse” e de “Menor interesse”.

A pesquisa utilizou o delineamento de linha de base múltipla, onde os cinco participantes foram entrevistados sobre os dois assuntos de seu interesse com variação no momento de aplicação das variáveis manipuladas Reforçamento Diferencial 1 e Reforçamento Diferencial 2 (RD1 e RD2).

A Figura 1 ilustra o tempo total das fases RD1 e RD2 e o momento em que a variável independente QR foi aplicada para cada participante. A fase QR era aplicada sempre entre as fases RD1 e RD2

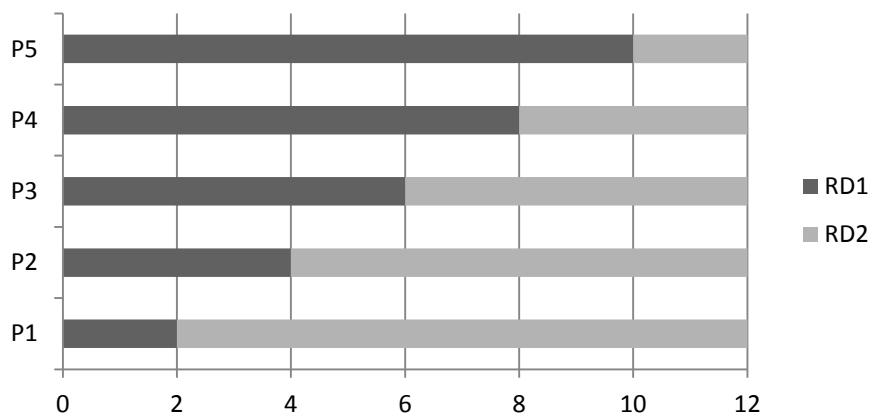


Figura 1. Esquema ilustrativo do delineamento de linha de base múltipla utilizado no experimento.

A entrevista foi dividida em cinco etapas com trocas entre etapas não sinalizadas ao participante. A primeira fase foi a linha de base (LB1), nesta fase o entrevistador somente escutou o entrevistado sobre os assuntos escolhidos. Durante esta fase o pesquisador somente escutou o participante procurando não fornecer o reforço ao comportamento de falante do participante, quando o entrevistado parava de falar sobre o assunto o pesquisador passava a seguinte orientação ao participante: “Por favor continue falando sobre um dos temas escolhidos.”. A linha de base teve tempo limite de dois minutos. Quando tinha passado 1 minuto e 30 segundos e o participante tivesse falado somente sobre um dos assuntos escolhidos o entrevistador orientou o participante a falar sobre o assunto ainda não abordado.

Com o término da primeira fase imediatamente foi iniciada a segunda fase de reforçamento diferencial, a troca não foi sinalizada aos participantes. Durante esta fase, o comportamento do pesquisador iria variar a depender do assunto abordado. O assunto apontado como o de maior interesse pelo participante foi colocado em esquema de extinção por parte do pesquisador. O pesquisador evitou a emissão de reforçadores para o comportamento verbal do participante. Comportamentos verbais de resposta tais como



gestos de confirmação de cabeça ou dizer “Uhum” foram evitados por poderem reforçar o comportamento verbal do participante. Para tanto, o entrevistador somente escutou o participante mantendo contato visual. Desta forma, o comportamento verbal de falar sobre o assunto de maior interesse do participante recebeu como reforço apenas a escuta por parte do entrevistador.

Quando o assunto abordado era o de menor interesse, o pesquisador fez um esquema de reforçamento generalizado onde agora este apresentava comportamentos verbais que demonstrassem interesse do pesquisador em relação ao assunto abordado para que então se aumentasse a frequência do comportamento verbal do participante referente ao assunto de menor interesse. O reforço era sempre provido por meio de perguntas abertas relacionadas ao tema em que o participante falava. Estas perguntas eram sempre abertas, desta forma impossibilitando respostas de “Sim” ou “Não”. O reforço era provido como interesse por parte do entrevistador com perguntas tais como: “Que tipo de viagem você gostaria de fazer?”; “Se pudesse escolher um local para viajar neste momento onde seria?”; “O que você gosta de fazer quando está viajando?”. Estes e outros comportamentos verbais do pesquisador tiveram como objetivo reforçar o comportamento de falante dos participantes sobre o assunto de menor interesse. As perguntas eram sempre em relação ao que o participante trazia no assunto de menor interesse. Por exemplo:

-Participante: Eu não sou muito fã de esporte.

-Pesquisador: Hum, entendo. Mas você já teve algum contato com esportes:

-Participante: Sim, quando eu era criança eu jogava vôlei.

-Pesquisador: Legal. E o que você achava de jogar vôlei?

-Participante: Ah, era legal.

Pesquisador: Qual foi a última vez que você jogou vôlei?...

A segunda fase trata-se da variável manipulada em linha de base múltipla onde a

duração dessa fase teve entre dois a dez minutos com intervalo variado de dois minutos para cada um dos cinco participantes. O tempo da RD1 para cada participante foram os seguintes: P1 2min; P2 4min; P3 6min; P4 8min; P5 10min.

Terminando a segunda fase era feita a troca não sinalizada para a terceira fase (RD2) de questionamento reflexivo (QR). O objetivo desta fase foi levar o entrevistado a discriminar o procedimento da segunda fase, ou seja, levá-lo a discriminar a contingência de reforçamento em vigor na fase anterior. Para isto o pesquisador utilizou as seguintes perguntas abertas: “O que você percebeu sobre a entrevista até o momento?”; “Como você se sentiu quando falou sobre ‘assunto de menor/maior interesse?’”; “Em qual assunto você obteve maior atenção?”; “Então, sobre qual assunto você deve falar para ter mais atenção?”.

As perguntas abertas tiveram como objetivo levar o sujeito a emitir autorregras. O pesquisador atuou como mediador elaborando as perguntas abertas de forma a estimular a reflexão que levasse o participante a discriminar que o tema de seu comportamento verbal deveria ser o assunto de menor interesse. Esta fase não teve tempo determinado, o participante ficou nela até emitir a autorregra de que deveria falar sobre o assunto de menor interesse. Quando o participante se comportava verbalmente afirmando que devia falar sobre o assunto de menor interesse o pesquisador considerava que o sujeito havia elaborado uma autorregra de que o tema de seu comportamento verbal deve ser sobre o assunto de menor interesse, com isto era iniciada a última fase. Durante esta fase a frequência verbal dos participantes não foi medida e os efeitos sobre a frequência verbal da variável independente QR foi medido pelos resultados das fases seguintes.

Caso o entrevistado não conseguisse discriminar que o episódio de seu comportamento verbal deveria ser mantido sobre o assunto de menor interesse os dados eram invalidados e um novo participante foi convidado até serem coletados os dados de cinco participantes.

Na quarta fase (RD2) o entrevistador retomava o procedimento da fase RD1 onde voltaria a reforçar por meio de perguntas abertas os comportamentos de menor interesse e colocaria em extinção os comportamentos verbais sobre o assunto de maior interesse do participante. O tempo da RD2 para cada participante foram os seguintes: P1 10min; P2 8min; P3 6min; P4 4 min; P5 2 min.

Na quinta e última fase (LB2), o pesquisador repetiu o procedimento da linha de base onde apenas escutou o entrevistado, emitindo alguns poucos comportamentos verbais que levem o entrevistado a discriminar que a atenção do pesquisador estava sendo mantida. Estas eram respostas condicionadas generalizadas tais como: “Uhum”, “Sim”, “Entendo” assim como gestos de confirmação com a cabeça. Esta fase teve tempo de dois minutos para o que o participante falasse livremente sobre qualquer um dos temas escolhidos. Quando o participante cessava sua fala o pesquisador passava a seguinte orientação: “Por favor continue falando sobre um dos temas escolhidos.”

As entrevistas foram realizadas individualmente com cada participante e possuíam o tempo aproximado de 20 minutos de entrevista. A entrevista não possuía tempo mínimo ou máximo, sendo este estipulado quando todas as fases do experimento tivessem sido completadas.

As entrevistas foram iniciadas com o seguinte convite: “Bem, eu gostaria agora que conversássemos um pouco sobre os ‘assuntos X e Y’ (X e Y são os assunto de menor e maior interesse classificados pelo participante antes do inicio da entrevista). Me fale um pouco sobre o que você sabe sobre estes assuntos”.

Após coletados os dados dos participantes, estes foram primeiramente avaliados individualmente para verificar o tempo em que cada participante se manteve comportando verbalmente sobre os assuntos de menor e maior interesse em cada parte da entrevista. A entrevista inicial em que o pesquisador só escuta o participante falar sobre os assuntos de

menor e maior interesse serviu como linha de base. Estes dados da LB foram comparados com os dados obtidos na quinta fase onde o procedimento de ambas as fases é o mesmo com exceção de que na quinta fase o participante havia passado por esquema de reforçamento diferencial e questionamento reflexivo.

Foi comparada a frequência dos comportamentos verbais dos participantes após a aplicação da variável independente que ocorre na segunda fase. Esta comparação pretende verificar a eficácia das técnicas de entrevista na manutenção da frequência verbal dos participantes, ou seja, comparar dados sobre a frequência da emissão de comportamentos verbais do participante em relação a cada assunto após a aplicação da variável independente.

## Resultados

Os cinco participantes da pesquisa tiveram suas entrevistas gravadas para fim de análise dos dados, as gravações tiveram tempo aproximado de 13 minutos referentes ao início da primeira fase (LB1) e o término da última fase (LB2). Os dados foram analisados com base no tempo em que o participante falava sobre o assunto de menor interesse, de maior interesse ou de nenhum assunto em cada fase. As três possibilidades do comportamento verbal dos participantes foram separadas em: Maior interesse para quando o participante emitia comportamentos verbais referentes ao assuntos apontados previamente como de maior interesse (Representado nas figuras por +INT); Menor interesse para quando os comportamentos verbais emitidos eram referentes aos assunto também previamente selecionados como de menor interesse (Representado nas figuras por -INT); E “Nenhum” para quando o participante não emitisse comportamento verbal ou para quando emitisse comportamentos verbais que não estivessem relacionados a nenhum dos temas previamente apontados como de maior e menor interesse.

Todos os participantes apresentaram dificuldades em manter a frequência de respostas verbais acerca de quaisquer temas nas fases LB1 e LB2. Durante estas fases, o pesquisador não reforçava o comportamento verbal dos participantes. Os participantes diziam não saber mais o que falar acerca dos temas escolhidos, por conta disto todos os participantes selecionaram, durante a entrevista, um segundo assunto de maior e menor interesse para falar sobre. Desta forma, todos os cinco participantes discursaram sobre dois assuntos de maior interesse e dois assuntos de menor interesse.

A Figura 2 representa a frequência verbal dos cinco participantes e a média em gráficos individuais. Os gráficos da Figura 2 apresentam os resultados de todas as fases da entrevista (LB1, RD1, RD2, LB2). O último gráfico da Figura 2 é representado pelos valores médios dos cinco participantes em cada fase. O eixo X representa as fases da

entrevista e os temas abordados em cada fase: Maior interesse; Menor interesse; Nenhum (Quando por algum motivo a fala do participante cessasse ou fosse abordado temas diferentes dos especificados de maior ou menor interesse). Os temas de Maior Interesse (+ INT) e Menor Interesse (- INT) incluem dois assuntos de interesse em cada condição, cada participante escolheu dois assuntos de Maior Interesse e dois assuntos de Menor Interesse. O eixo Y representa o percentual de tempo em que o participante se comportou verbalmente acerca de cada tema em cada fase.

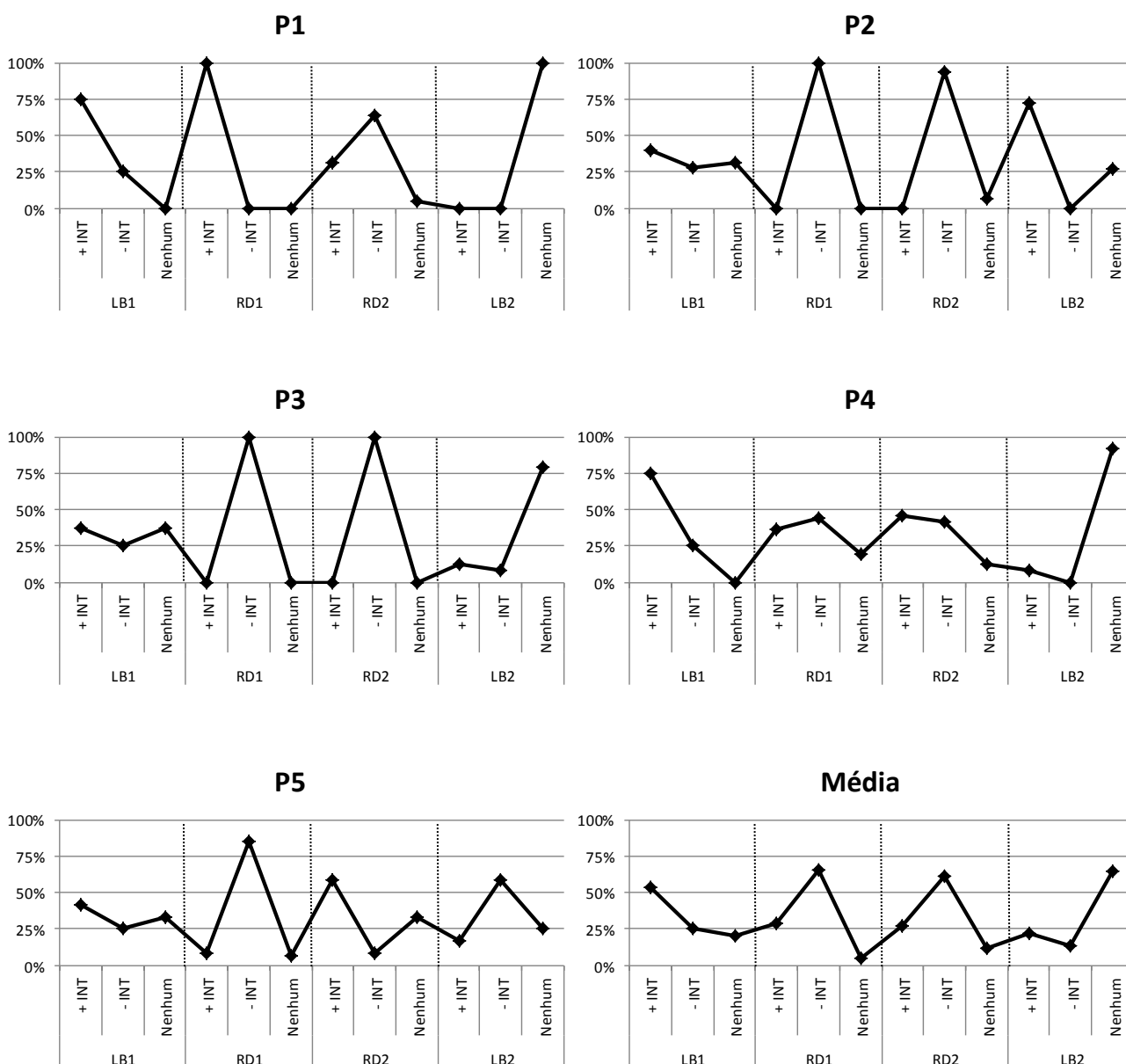


Figura 2. Frequência verbal percentual dos participantes quanto aos temas de maior e menor interesse durante as quatro frases do experimento.

A frequência verbal dos participantes foi medida pelo tempo em que cada participante emitia respostas verbais em relação a cada tema. P1, P2, P3 e P5 tiveram a frequência de seus comportamentos verbais predominantemente nos assuntos de maior interesse durante a linha de base (LB1). Após a inserção da variável independente (Reforçamento Diferencial 1 - RD1) os mesmos participantes passaram a apresentar maior frequência verbal nos assuntos de menor interesse. Entre as fases RD1 e RD2 era feito o QR (Questionamento Reflexivo) que tinha por objetivo levar o participante a discriminar que o entrevistador mantinha maior atenção em relação aos assuntos de menor interesse. Os participantes se mantinham no QR até emitir a autorregra de que deveria manter o tema de seu episódio verbal sobre os assuntos de menor interesse. O tempo gasto durante o QR não era contabilizado, portanto não entra na análise da frequência verbal dos participantes. P4 foi o único participante que apresentou resultados discrepantes em relação aos demais participantes nas três primeiras fases (LB1; RD1; RD2). P4 teve sua frequência verbal predominantemente nos assuntos de maior interesse durante a LB1, tendo ocupado 75% do tempo desta fase. A frequência verbal sobre os assuntos de menor interesse de todos os participantes aumentou durante as fases RD1 e RD2, porém P4 foi o único que apresentou proximidade nos resultados em relação à frequência dos comportamentos verbais sobre os assuntos de maior e menor interesse durante as fases RD1 e RD2. Durante a RD1 P4 apresentou comportamento verbal sobre o assunto de maior interesse em 36,45% do tempo e 43,75% em relação ao assunto de menor interesse (Figura 2).

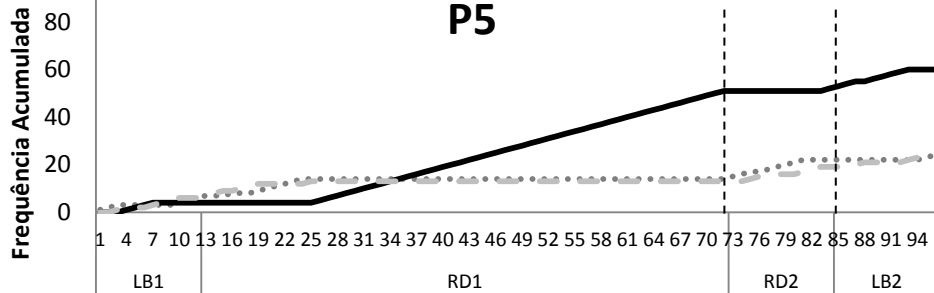
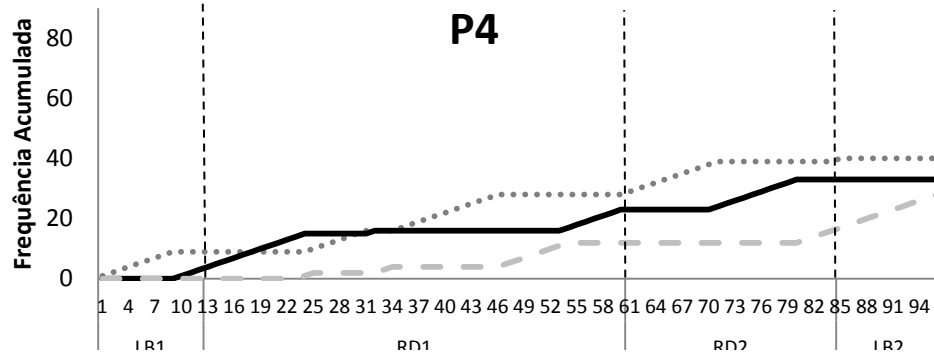
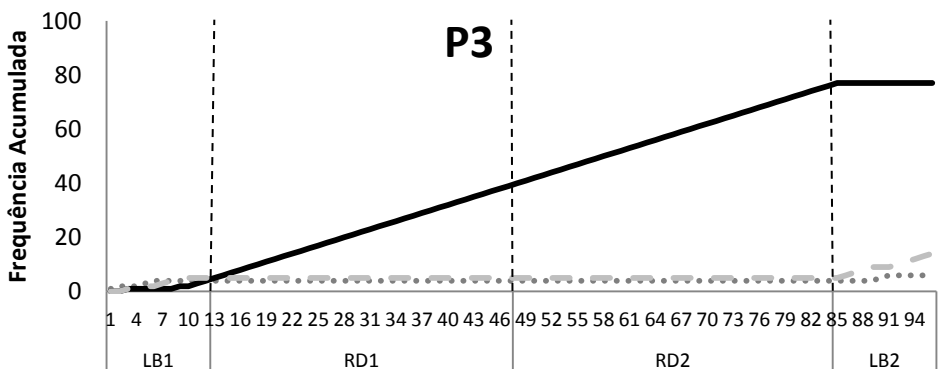
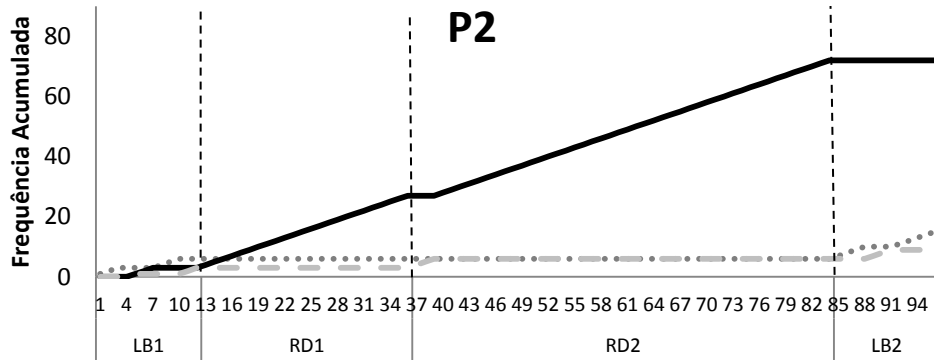
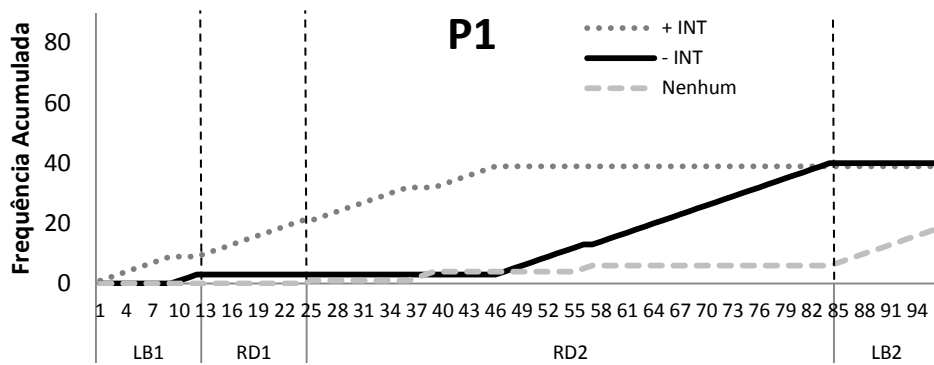
Durante a fase LB2, P1, P3 e P4 apresentaram poucas ou nenhuma respostas verbais acerca dos assuntos de maior e menor interesse. P1, P3 e P4, durante a LB2,

emitiram poucos ou nenhum comportamento(s) verbal(is), tendo assim predominado na categoria “Nenhum” que representa a ausência de emissão de comportamentos verbais ou respostas verbais com temas diferentes dos apontados como de maior e menor interesse. Já as respostas verbais de P2 foram predominantemente sobre os assuntos de maior interesse durante a LB2 (75%) e durante a mesma fase não emitiu comportamentos verbais acerca do assunto de menor interesse. P5 foi o único participante em que se observaram as repostas verbais com predominância nos assuntos de menor interesse (58,33%) durante a LB2 (Figura 2).

Durante a LB2 a média dos participantes aponta a categoria nenhum como predominante com 64,67% do tempo. No pouco tempo em que emitiam comportamentos verbais durante a LB2 os participantes apresentaram predominancia nos assuntos de maior interesse com 22% do tempo da média (Figura 2).

A Figura 3 representa a frequência verbal acumulada dos cinco participantes. A figura dois apresenta dados de todas as fases da pesquisa (LB1, RD1, RD2, LB2). O Eixo X indica o tempo durante de entrevista onde cada unidade representa 10 segundos da entrevista. O Eixo Y representa a frequência verbal acumulada. As linhas são representadas pela frequência verbal dos assuntos de Maior Interesse (+INT), de Menor interesse (-INT) e por Nenhum para quando o participante emitisse respostas verbais que não se encaixavam nos assuntos de Maior e Menor interesse.





Blocos de 10 segundos

Figura 3. Frequência verbal acumulada durante as fases LB1, RD1, RD2 e LB2, para todos os participantes.

Os gráficos de frequência verbal acumulada apontam que quatro dos cinco participantes apresentaram predominância de respostas verbais nos assuntos de Menor Interesse ao longo da entrevista, apenas P4 apresentou mais respostas verbais sobre os assuntos de Maior Interesse. Todos os participantes apresentaram um aumento na emissão de respostas verbais acerca dos assuntos de Menor Interesse nas fases RD1 e RD2, este aumento se deu de forma mais acentuada quando comparado às respostas emitidas na fase LB1. É observado que na fase LB1 há uma grande variação na troca dos temas das respostas verbais dos participantes. Durante a fase RD1 e RD2 houve uma linearidade de respostas verbais com poucas trocas de temas das respostas verbais (Figura 3).

Durante as fases RD1 e RD2 os participantes emitiram poucas respostas verbais que se enquadrassem na categoria “Nenhum” com exceção de P4 que apresentou consideráveis respostas à categoria “Nenhum”. Todos os participantes com exceção de P5 tiveram aumento considerável na emissão de respostas verbais sobre os assuntos de Menor Interesse na fase RD2 quando comparados a emissão das mesmas respostas durante a fase RD1 (Figura 3).

Na fase LB2 todos os participantes, com exceção de P5, emitiram pouca ou nenhuma resposta verbal acerca dos assuntos de Menor interesse, o que representa uma redução na emissão destas respostas em relação às fases anteriores (Figura 3).

Entre as fases RD1 e RD2 os participantes passaram pela fase QR (Questionamento Reflexivo) que tinha por objetivo a emissão de autorregras por parte dos participantes. Nesta fase os participantes apresentaram as seguintes respostas:

**P1**

Entrevistador: - O que você notou da entrevista até o momento?

P1: - Foi boa... Não sei.

Entrevistador: - Sobre qual assunto você acha que o entrevistador tinha maior interesse?

P1: - Acho que... Assuntos interessantes. Artes(Assunto de maior interesse) talvez por seu meu maior interesse.

## **P2**

Entrevistador: - O que você notou da entrevista até o momento?

P2: - Que... Você esperou eu falar algumas coisas para ter ideia do que perguntar.

Entrevistador: - Em qual assunto você obteve maior atenção por parte do entrevistador?

P2: - Ah, viagens! (Assunto de Maior Interesse)

## **P3**

Entrevistador: - O que você notou da entrevista até o momento?

P3: - Que você perguntou mais de política (Assunto de menor interesse) que eu quase não entendo. Todo mundo tá comentando, mas eu só escuto. Eu não entendo e não dou minha opinião que acho que é legal para todos. O que eu acho era isso, se pudesse tirar a política e botar uma pessoa sem política para governar, o que não dá né?! Tem que ter! Era melhor para todo mundo. Não era não?!

Entrevistador: - Sobre qual assunto você obteve maior atenção por parte do entrevistador?

P3: - Foi do impeachment (Política, assunto de Menor Interesse).

## **P4**

Entrevistador: - O que você notou da entrevista até o momento?

P4: - Que eu me senti muito à vontade.

Entrevistador: - Sobre qual assunto você obteve maior interesse por parte do entrevistador?

P4: - Culinária (Assunto de Menor Interesse).

## **P5**

Entrevistador: - O que você notou da entrevista até o momento?

P5: - Tranquilo. Só o começo que assim... Eu não desenvolvi muito os assuntos.

Entrevistador: - Sobre quais assuntos você falou mais?

P5: - Viagens?! (Assunto de Menor Interesse).

Entrevistador: - Sobre qual assunto você obteve maior interesse por parte do entrevistador?

Para onde eu gostaria de ir. Viagens... Foi de viagens! (Assunto de Menor Interesse).

Durante o Questionamento Reflexivo o entrevistador buscou manter a padronização e a função das perguntas realizadas. P1 e P2 não conseguiram discriminar que o entrevistador dava maior atenção sobre os temas de Menor Interesse. Já P3, P4 e P5 conseguiram discriminar que eles obtinham maior atenção por parte do entrevistador quando emitiam respostas verbais acerca dos assuntos de Menor Interesse.

Com o método utilizado não foi possível identificar se houve a emissão da autorregra por parte dos participantes de que o tema de suas respostas verbais deveria ser sobre os assuntos de menor interesse.

## Discussão

O presente estudo teve por objetivo a análise dos efeitos do Reforçamento Diferencial e do Questionamento Reflexivo sobre a frequência do comportamento verbal quanto a temas específicos. Foram investigados os efeitos causados pelo uso do Reforçamento Diferencial sobre a emissão de comportamentos verbais de temas de interesse dos participantes. Britto, Rodrigues, Santos e Ribeiro (2006) testaram a eficácia do uso do Reforçamento Diferencial na manutenção da frequência verbal. Os autores aplicaram o Reforçamento Diferencial sobre o tema de falas de um esquizofrênico. Para isto, colocavam em extinção comportamentos verbais que tivessem como tema falas caracterizadas por psicóticas e simultaneamente reforçavam todas as falas que não fossem psicóticas. Foi observado um aumento das falas não psicóticas e uma redução em larga escala das falas psicóticas.

O Questionamento Reflexivo foi aplicado com a função de gerar uma autorregra que aumentasse a frequência verbal do participante em relação ao tema verbal alvo e ao mesmo tempo, diminuir a frequência verbal do tema de maior interesse. O que poderia provocar uma mudança na frequência verbal sobre os temas de interesse apresentados na Linha de base.

A hipótese para a Linha de base pressupôs que os participantes fossem manter o tema de seus comportamentos verbais sobre os assuntos de maior interesse já que não haveria nenhum tipo de intervenção por parte do entrevistador. Assim como foi hipotetizado, os cinco participantes da pesquisa mantiveram predominância do tema de seus comportamentos verbais sobre os assuntos de maior interesse previamente escolhidos. Foi observada uma grande variação quanto ao tempo em que cada participante mantinha o tema do comportamento verbal sobre o assunto de menor interesse. Porém nenhum

participante apresentou predominância nos assuntos de menor interesse durante a fase LB1.

Na fase RD1 (Reforçamento Diferencial 1) quatro dos cinco participantes emitiram com absoluta predominância comportamentos verbais com temas voltados para os assuntos de menor interesse. A mudança do tema dos comportamentos verbais dos participantes na troca de fases é dada pela inserção do entrevistador não só como ouvinte, mas também como falante passando a prover reforço para as respostas verbais sobre os assuntos de menor interesse. Para Baum (1994/1999), o comportamento de ouvinte por si só tende a ser reforçador ao comportamento verbal do falante. Ou seja, ao ter uma segunda pessoa como ouvinte, o falante tem seu comportamento verbal reforçado, pois seu comportamento verbal produziu consequências no comportamento do ouvinte. Porém, nesta fase o entrevistador também exerceu papel de falante quando o tema do comportamento verbal do entrevistado fosse o assunto de menor interesse. A intervenção foi feita por meio de perguntas abertas sobre o tema de menor interesse. Medeiros (2011) aponta o Reforçamento Diferencial por meio de perguntas abertas como uma eficaz ferramenta para manter o comportamento verbal do participante sobre temas que sejam de correspondência aos comportamentos alvos a serem trabalhados no contexto clínico. Os dados da RD1 apontam que quando o entrevistador passa a apresentar comportamentos de ouvinte e falante por meio de perguntas abertas, assim como sugere a PCP (Psicologia Comportamental Pragmática), tende a ser mais reforçador do que quando o entrevistador se comporta apenas como ouvinte, ou seja, quando não emite respostas verbais (Medeiros, 2011).

O único participante que não apresentou predominância nos assuntos de menor interesse na RD1 foi P1. É possível que P1 tenha apresentado predominância sobre os temas de maior interesse por não ter tido tempo o suficiente para apresentar respostas

verbais acerca dos assuntos de menor interesse. P1 foi o participante que teve menos tempo de entrevista durante a fase RD1, tendo dois minutos para esta fase. Como o tema das respostas verbais de P1 durante a RD1 eram sobre os assuntos de maior interesse o entrevistador apresentou-se apenas como ouvinte o que se mostrou suficientemente reforçador para que P1 apresentasse respostas verbais apenas sobre os assuntos de maior interesse.

Por se tratar de uma pesquisa com linha de base múltipla os participantes tiveram diferentes momentos de inserção das variáveis independentes o que dava a cada participante uma quantidade de tempo diferente nas fases RD1 e RD2. Assim sendo, os participantes P1 e P5 foram os únicos que tiveram as fases RD1 ou RD2 com o tempo mínimo para estas fases (2 minutos), onde P1 teve 2 minutos para a fase RD1 e P5 teve dois minutos para a fase RD2. É possível observar nestes dois participantes que, o tema de suas respostas verbais foi com predominância sobre os assuntos de maior interesse na condição em que tinham dois minutos. No gráfico (Figura 3) e referente à P1 é possível observar que 100% de suas respostas verbais foram acerca dos assuntos de maior interesse. Neste tempo, o entrevistador não forneceu reforço às repostas verbais de P1, porém as repostas verbais continuaram predominantemente sobre os assuntos de maior interesse, o que sugere que os dois minutos não foram suficientes para que a extinção reduzisse a frequência de respostas verbais acerca dos assuntos de maior interesse (Figura 3).

O Questionamento Reflexivo foi aplicado em diferentes momentos da pesquisa para cada participante, porém sempre entre as fases RD1 e RD2. Esta era a única troca de fases em que o participante tinha conhecimento da mudança já que a entrevista era pausada para serem feitas perguntas que tinham como objetivo aumentar o controle discriminativo das contingências em vigor sobre o tema das respostas verbais do participante. Para Medeiros e Medeiros (2012), o uso do Questionamento Reflexivo se faz muito eficaz

quando o objetivo terapêutico é a emissão de autorregras por parte do cliente em terapia.

Wielenska (2010) aponta que, dentro do setting clínico o psicoterapeuta pode ser visto pelo cliente como o detentor de um conhecimento sobre o qual o próprio cliente desconhece. Com isto apresenta-se como possibilidade o analista aparecer como emissor de regras já que as regras emitidas por este apresentam função operante nos comportamentos do cliente. Neste sentido, Medeiros e Medeiros (2012) apontam que as autorregras tendem a produzir maior correspondência nos comportamentos do cliente em relação ao que é descrito na autorregra quando comparadas às regras que são emitidas por um terceiro.

Com os dados obtidos durante o Questionamento Reflexivo é possível se observar que P1 e P2 não conseguiram discriminar que obtinham maior atenção quando o tema de suas respostas verbais eram sobre os assuntos de menor interesse. P1 apresentou poucas respostas verbais acerca do assunto de menor interesse na fase LB1 e poucas respostas verbais sobre o mesmo assunto durante a fase RD1. Assim sendo, P1 não teve suas respostas verbais reforçadas quando o tema era de menor interesse. Estes dados devem explicar o porquê de P1 não discriminar que suas respostas verbais eram reforçadas quando o tema fosse de assuntos de menor interesse.

Já P2 apresentou 100% de respostas em relação aos assuntos de menor interesse durante a fase RD1. Logo, P2 teve 100% de suas respostas verbais acerca dos assuntos de menor interesse reforçadas, mas não verbalizou que obtinha maior atenção sobre os assuntos de menor interesse.

Os participantes P3, P4 e P5 descreveram que obtiveram maior atenção quando o tema de suas respostas verbais eram assuntos de menor interesse. Apesar disto, as respostas verbais acerca de assuntos de menor interesse reduziram durante as fases RD2 e LB2 para estes participantes quando comparadas à fase anterior ao QR (RD1). Isto



evidencia que discriminar que obtinham maior atenção sobre os temas de menor interesse não foi suficiente para continuarem apresentando respostas sobre estes temas. Isto sugere também que não houve a emissão de autorregras por parte dos participantes sobre qual deveria ser o tema de suas respostas verbais. Estes resultados sugerem falha metodológica onde as perguntas pré-programadas não foram suficientemente eficazes para levar os participantes à emissão da autorregra que determinasse o tema de suas respostas verbais durante a entrevista. De acordo com Medeiros e Medeiros (2012) o questionamento reflexivo tende a levar o cliente à emissão de autorregras, e quando emitidas as autorregras, estas tendem a ser seguidas pelos participantes. Nos dados obtidos nesta pesquisa não foi possível observar se houve a emissão de autorregras por parte dos participantes e se estas seriam suficientes para manter controle sobre o comportamento verbal dos participantes.

Com o retorno do Reforçamento Diferencial na fase RD2, todos os participantes mantiveram respostas verbais predominantemente nos temas de menor interesse. Estas respostas sugerem eficácia do Reforçamento Diferencial em aumentar e manter a frequência dos comportamentos verbais acerca de determinados temas. Todavia, foi observada uma redução na frequência de respostas verbais sobre os assuntos de menor interesse da fase RD1 para a fase RD2, o que sugere que a fase QR não produziu controle imediato sobre as respostas verbais dos participantes. Outra hipótese para tais resultados pode se dar por um possível esgotamento dos assuntos de menor interesse referentes a frequência verbal sobre o mesmo tema mantida nas fases LB1, RD1 e mesmo na fase RD2.

Na fase RD2 houve um aumento na frequência de respostas verbais a categoria “Nenhum”, alguns dos participantes alegaram nesta fase que não sabiam sobre o que falar acerca dos assuntos de maior e menor interesse. Esta dificuldade de apresentar informações sobre os temas de maior ou menor interesse ocorria predominantemente

quando falavam sobre os assuntos de maior interesse, onde o entrevistador não provia reforço às respostas verbais do participante.

Na fase LB2, foi feito novamente o procedimento executado na linha de base (LB1) onde o entrevistador mantinha-se apenas como ouvinte. Desta forma procurou-se observar os efeitos produzidos pelo Reforçamento Diferencial e Questionamento Reflexivo por meio de comparação dos dados obtidos na Linha de Base (LB1) com os dados da LB2, fase esta em que o participante já havia passado pela variável independente (Reforçamento Diferencial e Questionamento Reflexivo).

Os dados apresentaram uma redução da frequência verbal dos participantes tanto nos assuntos de menor interesse quanto nos assuntos de maior interesse na fase LB2. A categoria de respostas “Nenhum” foi predominante nesta fase. Estes dados sugerem que quando o entrevistador se porta de forma a colocar em extinção as respostas verbais do participante, este tem a frequência de suas respostas verbais reduzida. Faleiros e Hübner (2007) observaram em seu estudo que quando um comportamento verbal não produz as consequências desejadas ele tende a reduzir de frequência até ser extinto. Em outras palavras, quando o entrevistador não emite reforçadores ao comportamento verbal do entrevistado o comportamento verbal do entrevistado tende a diminuir de frequência.

A fase LB2 se dava após aproximadamente 15 minutos de pesquisa (a depender do tempo gasto durante a fase QR). Nesta fase os participantes tinham dois minutos para falar livremente. A maioria dos participantes se queixaram sobre não saber o que falar dizendo “Acho que já falei tudo” ou “Não sei mais sobre o que falar”. Esta falta de conteúdo sobre os temas de interesse explica os altos níveis de respostas na categoria “Nenhum” o que novamente sugere que a fase QR não foi suficiente para a emissão de uma autorregra que mantivesse a frequência de respostas verbais acerca dos assuntos de menor interesse por parte do participante. O que também pode sugerir que esta autorregra não foi suficiente

para a emissão de respostas verbais quando o entrevistador não mais se comportava como falante. De acordo com Skinner (1957/1958) o comportamento verbal como comportamento operante tem por função causar mudanças no comportamento do ouvinte. Na fase LB2 o comportamento de falante dos participantes deixava de produzir os reforçadores das fases RD1 e RD2. Esta extinção a qual os comportamentos verbais dos participantes entram em contato explica, portanto, a redução da emissão de respostas verbais durante a fase LB2.

Vale ressaltar que esta pesquisa aponta resultados positivos em relação à eficácia do Reforçamento Diferencial. Porém alguns fatores devem ser levados em consideração. O método desta pesquisa exigia por parte dos entrevistadores grande esforço para manter a padronização do método para os cinco participantes. O baixo número de participantes para cada condição de pesquisa de Linha de base múltipla apresentou-se como uma barreira para uma análise mais precisa dos dados em relação aos efeitos provocados pela variação da inserção da variável independente. Portanto, para uma pesquisa posterior neste campo seria importante colocar um maior número de participantes em cada condição para que se possa verificar se participantes expostos às mesmas condições experimentais apresentam resultados semelhantes.

Seria interessante também reduzir o número de fases de pesquisa para que a emissão de respostas verbais dos participantes não se esgotasse. Aumentar o tempo da fase RD1 e remover a fase RD2 pode vir a ser uma alternativa viável de forma que o participante passará mais tempo pelo Reforçamento Diferencial na fase RD1 o que pode facilitar a emissão de autorregras na fase QR. Esta hipótese de procedimento descarta também a possibilidade de que os dados apresentados no início da LB2 sejam decorrentes do procedimento final da fase RD2. A troca de uma fase para outra não tinha pausa e não era sinalizada ao participante. Esta interferência da proximidade das fases dificultou a

observação do QR como variável eficaz em produzir mudanças nos comportamentos verbais dos participantes.

Não foi possível obter resultados conclusivos acerca da hipótese sobre o Questionamento Reflexivo onde este apresentasse como eficaz ferramenta para o controle do comportamento por meio da emissão de autorregras por parte do cliente, assim como sugere Medeiros e Medeiros (2012). Os autores apontam o Questionamento Reflexivo como uma eficaz ferramenta na construção de autorregras pelo entrevistado e que estas autorregras tendem obter melhores chances de correspondência comportamental ao que está descrito na regra. Contudo, as falhas metodológicas na fase QR impossibilitam uma análise precisa acerca da eficácia do Questionamento Reflexivo sobre o tema dos episódios verbais dos participantes.

Neste estudo foi possível identificar que o Reforçamento Diferencial se apresenta como uma eficaz ferramenta para manter o controle sobre respostas verbais. Nas fases RD1 e RD2 os participantes apresentaram predominantemente respostas verbais sobre os assuntos de menor interesse e apresentaram redução de respostas verbais nos assuntos de maior interesse. Estes dados diferem dos apresentados na fase LB1, onde os participantes apresentavam mais respostas verbais sobre o assunto de maior interesse.

O uso do Reforçamento Diferencial deve ser considerado, portanto, uma ferramenta em potencial para o uso clínico dentro do campo da Análise do Comportamento. O Reforçamento Diferencial apresentou-se como eficaz ferramenta para a manutenção da frequência de respostas verbais dos participantes desta pesquisa. Desta forma, o Reforçamento Diferencial pode ser utilizado no contexto clínico como instrumento para trabalhar com os comportamentos desejados e indesejados. Por se apresentar como ferramenta eficaz no controle da frequência de respostas verbais o Reforçamento Diferencial deve apresentar-se como importante instrumento para

manutenção e otimização do tempo no contexto clínico. Assim sendo, o analista pode testar mais rapidamente e de forma menos diretiva suas hipóteses clínicas.

## Referências Bibliográficas

- Baum, W. M. (1994/1999). *Compreender o behaviorismo: ciência, comportamento e cultura*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Britto, I. A. G. S.; Rodrigues, M. C. A.; Santos, D. C. O.; Ribeiro, M. A. (2006). Reforçamento diferencial de comportamentos verbais alternativos de um esquizofrênico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, Vol. VIII, n°1, p. 73-84.
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. 4. Ed., Porto Alegre: Artmed.
- Faleiros, T. C.; Hübner, M. M. C. (2007). Efeito do reforçamento diferencial de resposta verbal referente à leitura sobre a duração da resposta de ler. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, Vol. IX, n° 2. P. 307-316.
- Haydu, V. B., Fornazari, S. A., Estanislau, C. R. (2014). *Psicologia e análise do comportamento: conceituações e aplicações à educação, organizações, saúde e clínica* [on-line]. Londrina: UEL. Último acesso em 24/06/2016. Disponível em <http://www.uel.br/ccb/pgac/pages/arquivos/Livro10%20conceitoseaplicacoesaeducacao.pdf>
- Medeiros, C. A. (2002). Comportamento Verbal na terapia analítico comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, Vol. IV, n° 2, p. 105-118.
- Medeiros, C. A. (no prelo). Psicoterapia Comportamental Pragmática aplica a um caso de dores de cabeça psicossomáticas. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.). *Análise comportamental clínica: da teoria à formulação comportamental*.
- Medeiros, C. A., Medeiros, N. N. F. A. (2011). Psicologia Comportamental Pragmática. Em C. V. B. B.; C. E. C.; M. F. B. *Comportamento em foco 1*, p. 417-436. São Paulo: ABPMC.

Moreira, M. B. & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos da análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed.

Paracampo, C. C. P & Albuquerque, L. C. (2005). Comportamento Controlado por Regras: Revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. *Interação em Psicologia*, 9, 227-237.

Skinner, B. F. (1957/1978). *O comportamento verbal* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.

Skinner, B. F. (1969/1975). *Contingências do Reforço* (R. Moreno, trad.). São Paulo: Victor Civita.

Skinner, B. F. (1974/2000). *Sobre o behaviorismo* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1974).

Wielenska, R. C. (2010). *Terapeutas analítico-comportamentais e redes sociais*. *Revista Perspectivas*. Vol. 1, n° 01 p. 28-33.

## **APÊNDICES**



## Apêndice A

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

#### **Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**

**Professor responsável (orientador): Carlos Augusto de Medeiros**

**Pesquisadores: Renato Morais Medeiros**

Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, telefone 39661511, email: comitê.bioetica@uniceub.br .

- Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar.
- Antes de decidir se deseja participar (por livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.
- Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas somente antes do início da aplicação.

#### **Natureza e objetivos do estudo**

- O objetivo deste estudo é verificar o efeito do questionamento reflexivo e escuta diferencial sobre a frequência verbal dos participantes.
- Os participantes deste estudo são escolhidos aleatoriamente, atendo ao critério de possuir idade entre 18 e 60 anos.

#### **Procedimentos do estudo**

- Sua participação consiste em participar de uma entrevista.
- O procedimento consiste em duas etapas. A primeira será a apresentação do TCLE. A segunda será o momento de entrevista do participante com o entrevistador.

#### **Riscos e benefícios**

- Este estudo não acarreta riscos de qualquer espécie aos participantes envolvidos.
- Caso o procedimento gere algum tipo de constrangimento ou desconforto você será livre para abandonar a entrevista.
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento do comportamento humano, bem como ajudar no desenvolvimento da ciência na área de Psicologia. Poderá, também, promover estudos posteriores que aprofundem a temática abordada neste estudo.

#### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com o pesquisador responsável.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

#### **Confidencialidade**

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações ficará guardado sob a responsabilidade do pesquisador Renato Morais Medeiros; com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, mesmo ao final da pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_,  
após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos  
envolvidos, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Participante

---

Pesquisador: Renato Morais Medeiros, (61)84008099 renatobalam@gmail.com

---

Pesquisador responsável (Orientador): Carlos Augusto de Medeiros, (61) 99587874  
carlos.medeiros@uniceub.br

Apêndice B

Participante: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

- Religião
- Política
- Esporte
- Saúde
- Artes
- Culinária
- Viagens

- 1 \_\_\_\_\_
- 2 \_\_\_\_\_
- 3 \_\_\_\_\_
- 4 \_\_\_\_\_
- 5 \_\_\_\_\_
- 6 \_\_\_\_\_
- 7 \_\_\_\_\_